

**Fichamento**

**Introdução aos Estudos Literários - Erich Auerbach**

**Segunda Parte - As Origens das Línguas Românicas**

---

**Roma e a Colonização Romana**

Roma foi fundada pela tribo indo-germânica dos latinos. Em alguns séculos, a cidade adquiriu hegemonia sobre todos os povos que habitavam a península. No século III a.C. os romanos dominavam toda a Itália, com exceção dos gauleses ao norte.

Tinha se tornado uma grande potência e uma rival perigosa da rica cidade comercial de Cartago, fundação fenícia na costa africana. Após 60 anos de luta, decidiu-se a favor de Roma, que se tornou a “senhora incontestada da bacia”, por volta do ano 200 a.C.

Pouco a pouco, o norte da Itália, grande parte da Espanha e as ilhas de Sardenha e Córsega foram submetidas ao poderio romano. Nos dois séculos que se seguiram, até 50 a.C., os romanos se infiltraram no resto da Espanha e centro da França. Paralelamente, houve expansão para leste, onde as terras de Alexandre o Grande se desagregaram.

As conquistas do Ocidente eram rematadas pela unificação política, cultural e linguística, enquanto as do Oriente, sob forte influência grega, resistiam a penetração cultural romana. Desde então, o império se tornou herdeiro e protetor da cultura grega.

Após uma série de revoluções, Roma se tornou uma monarquia e ampliou suas fronteiras para o Norte, entretanto, as políticas dos imperadores tendiam mais para a estabilização que para a expansão. Os romanos se colocavam na defensiva, por motivos internos e pressão externa, sobretudo dos germanos.

As lutas foram longas e duras. Em 476 a parte ocidental do império, com a antiga capital, caiu. A queda do império não pôs fim a influência cultural romana. A língua latina, as estruturas políticas, jurídicas e administrativas e a imitação das formas artísticas sobreviveram.

O “povo romano” deixou de ser uma noção geográfica ou racial para ser um símbolo político. “Os romanos” foram uma amálgama de povos romanizados. O título de *civis romanus* se disseminou por todas as províncias.

A colonização romana foi uma “romanização”, os povos colonizados se tornaram romanos. A romanização acontecia lentamente, de cima pra baixo. Oficiais, negociantes, funcionários vinham estabelecer-se, seguidos de escolas, teatros, estabelecimentos de recreação e esporte. O latim se tornava a língua administrativa e dos negócios, o prestígio e interesse pela civilização romana faziam que o latim fosse aceito. A unidade econômica e política do império favorecia a unificação. Os deuses locais eram identificados nos deuses romanos.

A Europa oriental ainda resistiu ao latim pelo prestígio do grego, com excessão da Romênia, único país do oriente definitivamente romanizado. Nas províncias ocidentais, o latim pouco a pouco destruiu as línguas locais independentes.

## **O Latim Vulgar**

Escrevemos de modo diferente do que falamos. Na antiguidade, essa diferença era mais acentuada, nas obras literárias, tendia-se afastar do estilo baixo da linguagem falada. O latim que se estuda, de Virgilius ou Cícero, está muito distante da linguagem corrente, que serviu de base às línguas românicas, designado “latim vulgar”. Durante a idade média, as línguas românicas eram conhecidas como “língua vulgar”, a exemplo do título da obra de Dante, “*De vulgari eloquentia*”.

O latim vulgar é o latim falado, não é estável nem fixo. As diferenças locais da língua falada eram bem mais consideráveis antes do advento da imprensa e do ensino obrigatório. As línguas locais que servem de substrato ao latim deixam resíduos morfológicos e sintáticos nas diferentes regiões do império, além de conservarem termos da população original, ou por estarem enraizados demais ou pela falta de um correspondente em latim.

Enquanto o império se manteve, a constante comunicação entre as províncias, por conta do comércio florescente do Mediterrâneo, impedia uma separação linguística completa. Mas depois da queda do império, as comunicações se tornaram raras e literatura caía em decadência, culminando no isolamento linguístico.

Além do aspecto geográfico, as línguas mudam com as gerações. As línguas faladas evoluem muito mais rapidamente que as literárias, que são em geral conservadoras (conceito clássico do ‘belo’ perfeito e estático).

Com a diferenciação local e temporal, o latim vulgar não é uma língua, mas uma concepção de falares diversos. Pode-se aprender o latim clássico ou o baixo latim, mas não se pode aprender o latim vulgar. Estudar a língua falada comporta longas e difíceis pesquisas, que focam somente em algum recorte geográfico e temporal da língua. O latim vulgar não era registrado para a posteridade, e não se fala mais latim, ele subsiste

apenas nas línguas românicas, o estudo comparado dessas é a fonte mais rica para o conhecimento do latim vulgar.

Os poucos registros do latim vulgar estão em cartas, comédias populares e vulgarismos em documentos técnicos, em algumas traduções da bíblia. Com o declínio do império, os registros da língua popular se tornaram mais comuns, pelo desprestígio do literário clássico. Isso permite recriar uma imagem do latim vulgar, mesmo que incompleta e sumária.

## **O Cristianismo**

Os judeus do império eram um povo isolado. Recusavam a helenização ou a romanização e conservavam com um zelo feroz suas tradições religiosas. Essas tradições eram estranhas aos povos romanizados e helenizados, tanto os costumes quanto as crenças, de um deus único e que não admitia figuras, pessoal mas sem corpo, e ainda do advento de um rei messias libertador que os tornaria os únicos senhores do mundo.

Nos últimos anos do imperador Tibério (14 - 37), discípulos de Jesus de Nazaré suscitaram perturbações em Jerusalém com proclamar que ele era o messias. Os dois grandes partidos dos judeus buscavam acabar com o movimento, pois o messias havia de ser um rei vitorioso. Assim, conseguiram sua prisão e sentença de morte.

Porém, o movimento não foi destruído, os discípulos mais fieis lembraram que o acontecimento estava previsto e era necessário. Visões lhes asseguravam que Jesus não estava morto, mas ressuscitado e elevado aos céus, além de confirmar uma visão muito mais profunda do messias, de um deus sacrificado.

A crença não teria tomado a proporção que tomou se o futuro apóstolo São Paulo, judeu cidadão romano instruído, não tivesse se convertido ao cristianismo, após uma crise súbita e uma visão. Ele assimilou a generosidade de Jesus e desenvolveu a ideia de pregar o evangelho, não só aos judeus, mas aos pagãos. Paulo conservou do judaísmo a concepção de Deus, mas era mister renunciar a circuncisão e aos preceitos alimentares e afirmou que lei judaica tinha se tornado nula pelo advento do messias, somente a fé em Jesus e na caridade contavam.

Durante os três séculos que se seguiram, o cristianismo se difundiu gradualmente pelo império. Em 325 o imperador Constantino fê-lo a religião oficial do imperador. A estabilização do dogma e da igreja foram obras dos grandes concílios dos séculos IV e V e dos pais da Igreja, como São Jerônimo e principalmente Santo Agostinho.

Mesmo com constantes discórdias internas, a igreja do Ocidente unificou-se com Roma por centro. A partir dela, se organizaram os missionários encarregados de converter os países bárbaros. A romanização deu lugar a cristianização.

No declínio da Antiguidade, os conventos foram os únicos centros de atividade literária. A igreja conservou a tradição do latim, mesmo que não o latim clássico, mas um baixo latim literário. Porém, chegou um momento que a língua falada era incapaz de

compreender o latim literário dos escritos divinos. Cabia aos padres pregar e escrever sermões em língua vulgar. Esses sermões eram um primeiro ensaio do que seria a forma literária das línguas vulgares.

O aparecimento da literatura das línguas vulgares, pela necessidade de comunicação do clero com o povo distingue-se das concepções literárias da antiguidade. O cristianismo mesclou o sublime com o humilde, a vida de Jesus remetia a um realismo popular e os textos precisavam ser entendidos pelas camadas mais baixas da população. O homem humilde vigorou na arte europeia medieval até a retomada dos valores clássicos de grandiosidade e perfeição, durante o renascimento.